

Debate: o que você não viu na tevê.

O debate "esquentou" em um dos intervalos comerciais, com Brizola e Caiado trocando acusações mais pesadas. Mas no todo o programa foi apenas morno.

A troca de acusações entre Leonel Brizola (PDT) e Ronaldo Caiado (PSD) foi o melhor momento do primeiro debate entre presidentiáveis promovido pela TV **Bandeirante**. Ele ocorreu aos primeiros minutos de ontem mas só foi presenciado por privilegiados espectadores que assistiam ao debate no estúdio "dois" da emissora. O grande público, que elevou de três para 17 pontos percentuais a audiência da Bandeirantes naquele horário, só assistiu aos primeiros instantes desse "quente" debate, pois a apresentadora Marília Gabriela chamou um intervalo comercial. Só as cem pessoas que tiveram assento no auditório do estúdio acompanharam esse debate, abafado por assessores e pela turma do "deixa disso".

Caiado — Nós, das classes produtoras, investimos no Brasil.

Brizola — É, mas investem também contra os brasileiros.

Caiado — Não pode falar em ruralistas brasileiros quem tem fazendas no Uruguai.

Brizola — É, eu estava lá, degredado, perseguido pela ditadura, enquanto muita gente bonita se locupletava por aqui.

Caiado — Os que ficaram aqui não se locupletaram, nenhum é financiado pela Internacional Socialista.

Brizola — Aqui ninguém é financiado. E também ninguém recebe subsídios governamentais como o do leite, por exemplo.

Apesar da rigidez com que a produção tentou conduzir o debate ter impedido que ele "esquentasse", o primeiro encontro de presidentiáveis teve um mérito: possibilitou a milhões de brasileiros um primeiro contato com pessoas que disputam a Presidência da República e que as pesquisas garantem que até então eram ilustres desconhecidos, ou, em poucos casos, com popularidade apenas regional.

De Norte a Sul do País ficou-se sabendo, por exemplo, que Luiz Inácio Lula da Silva (PT), apesar de sua postura socializante, em muitos casos defende a livre iniciativa "desde que se desenvolva dentro de um projeto de melhor distribuição de renda". E que Affonso Camargo (PTB) acredita piamente que sua candidatura "é para valer e vai até o fim". Que Aureliano Chaves (PFL) acha que vai "decolar" e, embora apontado como homem de direita, defende "as estatais e a estatização embora elas devam se limitar apenas a alguns setores da economia". Ou, ainda, que Leonel Brizola (PDT), Ronaldo Caiado (PSD) e Paulo Maluf (PDS) parece que engoliram uma vitrola, repetindo sempre o mesmo discurso cansativo, pseudomoralista e, acima de tudo, demagógico. Que Roberto Freire (PCB) defende "um socialismo democrático", bem próximo à **perestroika** de Gorbachóv. E mesmo que Mário Covas (PSDB), quando jovem, fez "muita viagem de ônibus" e quando casou teve de "vender o carro e voltar a andar de coletivo durante um bom tempo". Ou que Guilherme Afif Domingos é "um defensor ferrenho da livre iniciativa".

Pena que, num debate como o promovido pela **Bandeirantes**, torna-se difícil aprofundar o pensamento e as tendências dos entrevistados. O evento só conseguiu aproximar-se do objetivo a que se propunha em alguns instantes em que — deixando de lado as cortesias dos candidatos, uns fazendo perguntas e "levantando bolas na área" para os outros de pensamento semelhante — houve perguntas mais objetivas. Assim mesmo, limitados pelo tempo de que dispunham para as respostas e pouco afeitos ao sintetismo (até porque a maioria tem experiência parlamentar que exige longos discursos para explicar o óbvio) não conseguiram — exceção feita a Roberto Freire, exprimir seu pensamento em um ou dois minutos.

Lamentáveis apenas as ausências de Ulysses Guimarães (PMDB) e Fernando Collor de Mello (PRN). Ulysses perdeu a chance de mostrar por que tem o título de "Senhor diretas" e Collor, de mostrar aos brasileiros quem é, de fato, esse jovem "caçador de marajás" que lidera as pesquisas de opinião pública.



No intervalo, Brizola exaltou-se...



... com Caiado, que também gritou com ele.

692